

“A igreja matriz de SANTA IRIA DA AZÓIA, no concelho de Loures, fundada no século XIII, é um dos mais interessantes monumentos da envolvente de Lisboa, pela qualidade e diversidade dos seus acervos artísticos, que vão desde os testemunhos de lapidária medieval aos azulejos dos séculos XVII e XVIII, à imaginária e à talha, à capela quinhentista dos Barros, e a um conjunto de tábuas quinhentistas de altíssima qualidade” (Vitor Serrão <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=434913393244201&set=a.120841824651361&type=3&theater>.)



A sua edificação, nos finais do século XIII, deve-se a Maria Esteves, com raízes em Santarém, e a Aires Martins, secretário da Puridade de D. Dinis. Este casal mandou construir uma igreja de invocação a Santa Iria na sua Quinta na Azoia - numa das muitas propriedades que aí tinham - anexando-a, no entanto, à igreja de Santo André (Lisboa). Não nos sendo possível apontar uma data precisa para a fundação, propomos considerá-la entre **1296** – data da doação pelo rei do padroado da referida igreja da capital a Aires Martins e mulher e **1298** data em que sabemos que Maria Esteves já era viúva.

*“ en remimento de nossos pecados hedificamos e fhezemos na dicta nossa herdade da Azoya egreja aa honrra de sancta Eyrea ordinhando que fosse come capella sogeyta a adicta egreja de Sancto André*

(26 de Janeiro 1333; em *Protesto de Maria Esteves...*; transcrição Isaías Rosa Pereira)

Os dados seguintes que conhecemos, são quase de um século depois (entre 1390 e 1472), e obtivemo-los, a partir da história da igreja de Vialonga. A sua análise sugere-nos, ter havido uma interrupção do culto nos finais do século XIV, mas indica-nos, também, que no último quartel do século XV a *Igreja baptismal de Santa Eyria da Azoya*, estaria a cumprir os serviços religiosos.

Não há, portanto, fundamento para crermos que no início do século XVI a igreja teria desaparecido, até porque temos dados referente à instituição de um vínculo, lá, em 1521. Por outro lado, documentação relacionada com o morgadio de Vale de Fores parece confirmar que a capela que Jorge de Barros manda edificar, não é o núcleo primitivo de um novo templo, como habitualmente é referido<sup>1</sup>.

*“ ordenam e mandam, em louvor do Senhor Deus e por suas almas e de seus pais, e daqueles a quem eles instituidores são obrigados, se digam para sempre pelos rendimentos deste seu Morgado duas missas cada dia, as quais se dirão na igreja de Santa Iria, junto da dita sua quinta de Vale de Flores, na capela que aí tem”*

Excerto do documento de instituição da capela de Jorge de Barros

<sup>1</sup>...” onde alcançou licença vocal do arcebispo de Lisboa D. Fernando, até à sua morte, para levantar altar naquela freguesia, onde assentou uma capela de N. Sra. da Soledade e Bom Jesus, com esta vocação; que depois da sua morte, a viúva sua mulher conseguiu e tirou licença in *scriptis* do mesmo arcebispo de Lisboa D. Fernando” ( notas século XVIII arquivo Vale de Flores / Família Torre do Vale )

## NOTAS PARA A CRONOLOGIA DA IGREJA MATRIZ DE SANTA IRIA DA AZÓIA

Mas se, por um lado, o que já relatámos parece comprovar que o templo do século XIII<sup>2</sup>, nunca se perdeu completamente, por outro, o que hoje observamos, à primeira vista, propõe-nos estar em presença de uma igreja datável do século XVII/ XVIII, cronologia, aliás, que habitualmente lhe é atribuída.



As pistas para ultrapassar esta incongruência encontramos-las nas Memórias Paroquias da igreja de Santo André de Lisboa<sup>3</sup>, da qual Santa Iria era anexa desde a fundação. É lá que tomamos conhecimento da destruição do corpo central e da sua reconstrução em tempos passados. Este facto aliado à presença de vários elementos arquitectónicos na igreja datados<sup>4</sup> entre 1617 e 1715 apontam para um amplo programa de remodelação /reconstrução que se terá arrastado por mais de um século, com início, até, talvez, em meados do século XVI, se considerarmos que a capela dos Barros se insere nele.

Quanto às causas da destruição arriscamos propor como principal o terramoto de 1531, que terá tido grande impacto nesta zona.



Embora, ao que tudo indica, a data de 1715, gravada no tímpano do portal principal, aluda ao final do referido ciclo de obras, sabemos que posteriormente, em 1749, a então Condessa de Alva - Maria Antónia Paim mandou aqui erigir a capela em honra de Sta. Ana e, talvez, não tenha ficado por aí ...

<sup>2</sup> Ainda hoje conseguimos identificar elementos datáveis deste período.

<sup>3</sup> “Consta na dita Igreja haver sem annos ou mais que se aruinou a dita Igreja [Santo André] (...) como tão bem aruinando sse a de Sta Iria sua anexa de sorte que todo o corpo della foi feito de novo se lhe mandou dar a siza dobrada para se reparar” (1758)

<sup>4</sup> O túmulo de Jorge de Barros exhibe a data de 1558, o púlpito de 1617 o lavabo da sacristia 1698 e o portal principal 1715.

Para terminar, em jeito de síntese, diremos que:

- No essencial a igreja de Santa Iria, em termos de arquitectura, resulta de vários ciclos de obra entre 1296 (?) e 1749, dos quais existem testemunhos observáveis, sendo que os resultantes da última grande intervenção, imediatamente anterior ao terramoto de 1755, parece não terem sofrido, com este, danos significativos.
- Identificamos os seguintes mecenas:
  - Aires Martins e Maria Esteves que foram os fundadores (finais século XIII);
  - Jorge de Barros (século XVI)<sup>5</sup>
  - Maria Antónia Paim no século XVIII.

Considerando o que sabemos desta última<sup>6</sup> não nos espantaria que fosse da sua iniciativa a intervenção que dotou o corpo da igreja de um notável revestimento azulejar, datado da segunda metade de setecentos...



Cristina Mendes /ADPAC- Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia; 2016; atualizado Fevereiro 2020

<sup>5</sup> Não descartamos a hipótese da obra de Jorge de Barros, ser mais ampla do que a construção da sua capela

<sup>6</sup> Nascida em 1695 e falecida em 1770 era filha de Roque Monteiro, sucedeu à sua irmã, D. Constança, na Casa d'Alva. Casou em 1720 com o segundo filho do Conde Redondo. Detinha e um extenso número de propriedades em Santa Iria e S. João da Talha reunidas em morgadio; era administradora de várias capelas instituídas na igreja de Santa Iria entre as quais uma que obrigava os bens de sua Casa, sendo a cabeça do morgadio a Quinta das Amoreiras adjacente a esta igreja. Aos seus descendentes foi atribuído o título de Marqueses de Santa Iria o que nos parece, também, poder indiciar a ligação a este Lugar.